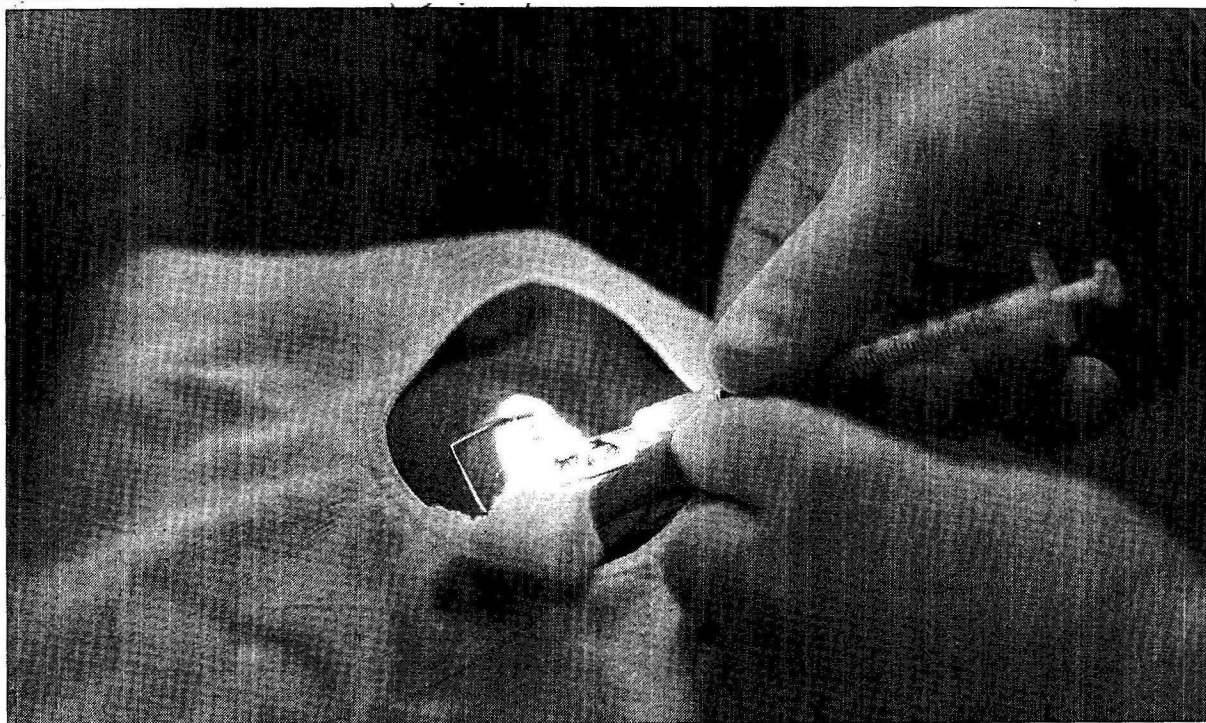




Além da aplicação de anestésias, o profissional da área monitora aparelhos que controlam os sinais vitais

Ameaça de anestesiar os hospitais públicos

Anestesistas recusam-se a cumprir mais horas extras e Fundação não consegue convocar 23 novos profissionais devido ao baixo salário

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

O atendimento de emergência nos nove hospitais da rede pública do Distrito Federal pode entrar em colapso, com redução drástica no número de cirurgias. Os médicos anestesistas da Fundação Hospitalar ameaçam reduzir a jornada de trabalho, não cumprindo mais as escalas de horas extras acima do limite de 44 horas mensais determinado por lei.

Isso significará um sufoco ainda maior nos pronto-socorros, onde a regra, diante da carência de anestesistas, é dar prioridade, na realização de cirurgias, aos pacientes que chegam em estado mais grave. A mobilização da categoria começou a ser organizada esta semana pela Cooperativa Brasiliense dos Anestesiologistas (Cobrasa) depois que 23 médicos anestesistas que assumiriam contrato de dois anos com a Fundação Hospitalar recusam as vagas por conta do salário.

"Não falta emprego porque não há número suficiente de anestesistas no mercado. Por que assumiríamos se a rede particular paga até cinco vezes mais o que está oferecendo o governo?", diz um dos médicos convocados, que pediu para não ser identificado. O salário inicial da Fundação Hospitalar para médicos é de R\$ 1.214,80 por uma jornada de 24 horas semanais.

"Queremos um salário maior", resume o anestesista Sérgio Lucena, também convocado para assumir o contrato temporário com a Fundação Hospitalar. "Por que temos de nos sujeitar a um salário de R\$ 900 líquido, se os médicos de família, que assinaram contrato

com o Instituto Candango de Solidariedade, vão receber R\$ 4 mil por 40 horas semanais?"

HORAS EXTRAS

O corte das horas extras é a forma encontrada pela Cobrasa para pressionar o GDF a contratar a entidade para a prestação de serviços. Dessa forma, segundo seu presidente, o médico Neri João Bottin, os anestesistas teriam uma contrapartida salarial melhor e não precisariam mais submeter-se à sobrecarga de trabalho. Só de horas extras - 25 mil por mês -, a Fundação Hospitalar paga o equivalente ao trabalho de 40 anestesistas.

A assinatura de contrato com a cooperativa traria vantagens, segundo ele, tanto para os 190 anestesistas filiados como para o governo. "O GDF pagaria um pouco mais, mas ganharia com o aumento da produtividade. Em consequência, nenhuma cirurgia deixaria de ser feita na rede pública por falta

de anestesistas", garante.

A contratação dos serviços desses especialistas, segundo a categoria, é uma tendência mundial. "Falta anestesistas no mundo todo", afirma o médico João Ismael Albernaz, do Hospital Universitário de Brasília, que está em negociação para assinar contrato com a Cobrasa. "Poucos se formam nessa área por ser uma das mais estressantes. Durante a cirurgia, é o anestesista que fica responsável em manter os sinais vitais do paciente", justifica.

"Muitos médicos preferem ir para cidades pequenas que pagam melhores salários. Há pouco recusei uma proposta para trabalhar no interior da Bahia, por um salário de R\$ 5 mil", exemplifica Albernaz. No

DF, o Hospital das Forças Armadas é o único que contrata os serviços da Cobrasa. "O hospital, que realizava de cinco a seis cirurgias por dia, hoje chega a fazer 30", diz o presidente da entidade, Neri Bottin. Com isso, os anestesistas que ganhavam, em média, R\$ 30 por uma operação de cesariana na rede pública, passaram a receber pela venda do seu serviço R\$ 157.

CAOS

A cooperativa estima que pelo menos mil cirurgias deixam de ser feitas, por mês, na rede pública por causa da falta desses especialistas. Entre os hospitais em situação mais crítica estão os do Gama e de Planaltina. "Aqui se faz um esforço danado para ninguém deixar de ser atendido na emergência. É preciso fazer mais horas extras para fechar a escala de plantão", diz um médico da equipe de anestesistas do Hospital Regional de Planaltina.

Diante da crise, o hospital cancelou a realização de cirurgias eletivas - aquelas com marcação. O hospital só tem condições de manter um plantonista a cada 12 horas. No mês passado, os 28 residentes de cirurgia-geral e de ginecologia-obstetrícia do Hospital Regional do Gama entraram em greve e cancelaram cirurgias eletivas para protestar pela falta de anestesistas. Segundo a Secretaria de Saúde, o HRG precisa de pelo menos mais oito. No ano passado, das 792 cirurgias marcadas, 345 deixaram de ser realizadas, segundo levantamento do próprio hospital. Só em junho deste ano, o hospital suspendeu 64.

Para resolver o problema da falta de pessoal na rede pública, a Secretaria de Saúde abriu contrato temporário para 630 vagas, entre médicos, enfermeiros, auxiliares e pessoal de apoio. Trinta foram para anestesistas. Só que os 23 que se apresentaram recusam-se a assumir. O problema promete se arrastar, já que a secretária de Saúde, Maria José da Conceição, garante que não assinará contrato com a Cobrasa.

"O que eles querem é terceirização e isso não faço de jeito nenhum", assegura. "Já mandei ofício, intimando-os a comparecer em 48 horas. Se não aparecerem vou buscar gente de fora e até mesmo convocar médicos aposentados que queiram voltar para o serviço público", acrescenta.

"O QUE ELES QUEREM É TERCEIRIZAÇÃO E ISSO NÃO FAÇO DE JEITO NENHUM. SE NÃO APARECEREM, VOU BUSCAR GENTE DE FORA E CONVOCAR MÉDICOS APOSENTADOS"

Maria José Maninha,
secretária de Saúde